

NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE UMA DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA: UM OLHAR PARA SI MESMA¹

Tília Galgane de Oliveira Freire*

Edinária Marinho da Costa**

*Discente do Curso de Pedagogia pela Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).

E-mail: tiliapodi@hotmail.com

**Professora da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).

E-mail: edinaria_marinho@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões das influências da trajetória formativa na construção da identidade discente e docente. Sua construção resulta de uma atividade (auto) biográfica realizada na disciplina História da Educação, no 1º Período do curso de Pedagogia, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP. Este escrito, tem como objetivo tecer reflexões sobre as experiências escolares, pessoais e pedagógicas, proporcionadas antes e depois do ingresso no curso de Pedagogia em 2014. A metodologia adotada partiu de referências em pesquisa (auto) biográfica, onde se buscou por meio das memórias, tomar consciência dos momentos significativos de uma vida em formação. O exercício reflexivo de pensar e escrever sobre si proporcionou o reencontro com as vivências marcantes, a consciência das lições aprendidas e a percepção das contribuições do curso de Pedagogia para a (auto)formação.

Palavras-chave: (Auto) biografia. Memórias. Trajetória formativa.

Introdução

Este trabalho tem sua origem na disciplina de História da Educação, no 1º período, do curso de Pedagogia, durante o semestre de 2014.2, onde foi sugerido pela professora a produção (auto) biográfica sobre as memórias escolares dos alunos, articulando-as às concepções pedagógicas abordadas pelo autor Saviani (2005; 2008) e ao contexto histórico da época em que os acontecimentos, a serem narrados, foram construídos. Inicialmente, a atividade provocou surpresa, mistura de sentimentos, conflitos intrapessoais, uma vez que era apresentado pela primeira vez o desafio de pensar, escrever e falar sobre si. Além do mais, sabemos que a tarefa de trazer à tona memórias de uma vida, possivelmente, resgataria junto lembranças dolorosas que a memória não consegue deletar. Todavia, à medida que a escrita fluía, os discentes começavam a sentir o efeito do exercício para com o conhecimento de si e da sua própria história, bem como a observar as permanências e mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas na cultura escolar e no processo de ensino brasileiro e do Rio Grande do

¹ Este texto é oriundo de uma atividade curricular realizada na disciplina História da Educação, ministrada no 1º Período do curso de Pedagogia.

Norte. O trabalho reflexivo culminou na socialização das memórias entre alunos no encerramento da disciplina “História da Educação”.

Partindo disso, este texto tem como objetivo tecer reflexões sobre as experiências escolares, pessoais e pedagógicas, proporcionadas antes e após o ingresso no curso de Pedagogia, em 2014. Assim, procuramos encontrar por meio das lembranças, experiências que influenciam na construção da identidade discente e docente.

A metodologia adotada centra na história de vida e no método (auto)biográfico, sob a perspectiva de autores como Nóvoa (2010) e Josso (2010). Para tratar de questões concernentes à história da educação e às concepções pedagógicas que serviram de orientação às práticas pedagógicas de alguns professores lembrados pela memória, recorreremos às discussões do Saviani (2008, 2005).

A importância do escrever sobre si

O trabalho com história de vida, ao longo dos últimos 20 anos, vem tornando-se cada vez mais um material de investigação muito em voga nas pesquisas de formação no campo da educação, uma vez que coloca o sujeito aprendente na centralidade do seu processo de formação e aprendizagem.

Nóvoa (2010, p. 166-167) considera que as histórias de vida e o método (auto)biográfico se integram no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”.

A reflexão sobre um itinerário existencial, desde a infância até a fase adulta, permite a tomada de consciência do conjunto de experiências construídas à escala de uma vida. Izquierdo (2004) afirma que “nada somos além daquilo que recordamos” e que a memória é aquisição, conservação e evocação das informações dos fatos vividos por cada indivíduo. Essa tomada de consciência é compreendida por Josso (2010) como um “caminhar para si”, que reflete numa viagem realizada pelo próprio sujeito, a fim de reconstituir os seus itinerários e compreender o que o orientou nessa viagem.

De acordo com Pollak (1992), a memória pode ser compreendida como um fenômeno social e coletivo, onde por meio dela podemos perceber a realidade dos fatos de nossa vida, estando sujeito a transformações e mudanças frequentes. Um dos fundamentos que compõem a memória são os acontecimentos, situações vividas individualmente ou em coletivo. Tais momentos coletivos servem como um gatilho em nossa memória sendo mais fáceis de lembrar. Nesse âmbito os personagens e pessoas se tornam ferramenta importante no processo

de rememoração, visto que de acordo com Pollak (1992) não precisa pertencer necessariamente ao espaço-tempo da pessoa, ainda existem os lugares que estão “particularmente ligados a uma lembrança”.

Partindo disso, compreendemos que através do trabalho com (auto)biografia o indivíduo produz um conhecimento sobre si, sobre o seu itinerário de vida, seu cotidiano, suas particularidades, suas experiências e aprendizados. O sujeito como parte central, faz com que o mesmo tenha uma abordagem compreensiva de suas experiências vividas, o que lhe permite assumir dois papéis: o de ator e autor de sua história de vida. Para Passeggi (2003) refletir sobre as narrativas de formação e sobre a escrita de si, nos remete a diferentes possibilidades, considerando que trabalhar como sujeito narrador proporciona uma reflexão mais profunda sobre suas próprias experiências de vida pessoal e profissional.

Resultados e discussões

Trajectoria escolar: recordando momentos de dificuldades e superações

Neste instante da escrita busco momentos abrigados na memória, de vivências individuais e coletivas construídas no espaço escolar e fora dele, nas partilhas de sentimentos e experiências com aqueles que, indubitavelmente, fizeram (e fazem) parte do meu percurso de formação.

No ano de 1997, começo oficialmente minha vida escolar, na Escola Municipal Juazeiro, comunidade rural do município de Apodi, cidade interiorana do Rio Grande do Norte. Nesse âmbito modesto e pacato, “Dona Dalila”, minha mãe, era a única professora. Lembro-me que a escola se localizava próximo a nossa casa e funcionava em uma sala bem limitada, com uma estrutura precária, inapropriada para o ofício do ensino convencional. Contudo, a restrição do espaço não impedia da professora, “Dona Dalila”, oferecer aos seus alunos o melhor que havia aprendido. Recordo-me que a professora não media esforços para transmitir o conhecimento intelectual aos seus alunos, iniciativa bastante desafiadora, uma vez que a sala de aula estava organizada em forma de ensino multisseriado, reunido pela 1º, 2º, 3º e 4º séries. Além da arte de exercer a docência, a professora no momento do intervalo se transformava em merendeira. Recordo que ela preparava o lanche de todos, sempre com muito afeto. Enquanto isso, os alunos brincavam, de pé no chão, no “terreiro” que ficava em frente à escola.

Logo em meu primeiro ano de alfabetização, já sabia ler e escrever com muita perfeição. Com o domínio do sistema alfabético rapidamente me atrai pela leitura. Lia e relia todos os livros do pequeno acervo. O livro que mais me fascinava era “A gata borralheira”,

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

adaptado pelo autor Walcyr Carrasco. Naquela história de romance me prendia e me perdia na aventura com os personagens, sem perceber o tempo passar...

Em 1998, meus pais me proporcionam uma surpresa: “agora iria estudar na cidade, numa escola privada, Colégio Nossa Senhora da Conceição”. No espaço urbano, passei a residir com minhas irmãs mais velhas. A saudade dos pais era intensa, visto que só os reencontrava em finais de semana. Todavia, mesmo com pouca idade já tinha uma noção que aquele era um sacrifício que valeria a pena, pois estava tendo a oportunidade de progredir nos estudos, de chegar a uma faculdade e de elevar minha condição social e cultural. Nesse novo espaço, era uma professora por série. Lembro, em especial, da professora Cristiane. Ela tinha um jeito diferente de demonstrar competência e amorosidade aos seus alunos, e ainda de manter a ordem na sala. Para ela só importava a construção do conhecimento pelo aluno, não havendo espaço para a memorização. Saviani (2005; 2008), ajuda na compreensão de que a pedagogia renovadora defende um ensino que leve em conta o interesse do aluno, suas diferenças, opiniões e participação ativa na produção de novos conhecimentos. Enquanto a pedagogia tradicional concebe a aprendizagem como processo de memorização do conteúdo. No Colégio Nossa Senhora da Conceição estudei por três anos (2º, 3º, 4º séries). Foi um período marcante, de experiências positivas que possibilitaram a formação de novas aprendizagens, amizades e momentos de uma infância feliz.

A experiência com o bullying no espaço escolar

No ano de 2002 ingressei na Escola Estadual Gerson Lopes, no 6º ano do Ensino Fundamental. Nesta etapa existencial, vivi uma nova experiência que resultou em marcas dolorosas por um longo tempo. Foi neste âmbito de ensino que conheci o bullying, provocado por alguns alunos da própria instituição. Na época, tanto desconhecia os significados que explicam hoje esse termo, como as razões que instigaram esse tipo de conduta por parte de alguns alunos. Segundo Fante (2005) bullying é um termo utilizado para se referir a um conjunto de ações agressivas, repetidas, muitas vezes sem motivo, causando dor, angústia, medo e exclusão. Somente nos dias atuais, consegui compreender e perceber que essa experiência causou consequências dramáticas, principalmente de ordem psicológica, visto que prejudicou no desenvolvimento do meu rendimento escolar, acarretando, dentre outras coisas, uma reprovação de ano.

A chegada no curso de Pedagogia

Meu ingresso no curso de Pedagogia, em 2014, deu-se por um mero acaso. Entretanto, não demorou a sentir-me envolvida, encantada, sujeito ativo desse percurso no meio das leituras e discussões. Logo no 1º Período, aflorou o desejo em permanecer no curso, bem como em me aprofundar nos debates, nas atividades curriculares e nas investigações vinculadas aos desafios da prática educativa. Esse primeiro encantamento foi o ponto de partida para um envolvimento maior no mundo acadêmico por meio de pesquisas e participação em eventos científicos. A vontade em ir além do que a sala de aula no ensino superior consegue proporcionar, ganha força a cada nova experiência construída nesta trajetória de graduanda.

Em suma, as experiências no curso de Pedagogia vêm contribuindo de modo substancial para a construção da minha identidade discente e pessoal, visto que têm me conduzido a compreender o papel do aluno no ensino superior e, ao mesmo tempo, perceber minha transformação gradual enquanto sujeito social, na forma de olhar e ler o mundo, e de lidar com a subjetividade do outro. O curso de Pedagogia vem me ajudando ainda a reconhecer as lições deixadas pelas vivências positivas e dolorosas de um itinerário de vida escolar e pessoal, como também a romper com alguns sentimentos e ampliar olhares sobre determinadas “coisas” presentes em uma sociedade capitalista, desigual e antagonica.

O primeiro contato com a docência

No ano de 2016, dei meus primeiros passos na docência como bolsista na Educação Infantil. Este contato inicial com a profissão docente está me oportunizando a desenvolver metodologias de ensino, onde tenho buscado trazer para a prática real aprendizagens oriundas do curso de Licenciatura em Pedagogia. Há também a oportunidade de conhecer a organização de uma escola e a realidade dos seus sujeitos envolvidos. Enquanto discente e docente em construção, hoje percebo que o professor precisa desenvolver/criar o prazer em ensinar e educar para orientar/transformar a vida dos seus alunos, respeitando, sempre, as particularidades e habilidades de cada um. O professor precisa ser criativo para ser capaz de fazer a diferença na sua prática profissional e na aprendizagem de seu aluno, com poucos recursos materiais. A experiência inicial com a docência só acentuou, ainda mais, o interesse pelo ofício de Ser Professora.

Conclusões

Portanto, através da rememoração de vivências mais marcantes na trajetória escolar até a chegada no curso de Pedagogia, que me proporcionaram o contato inicial com a docência,

percebo momentos significativos, lições aprendidas e experiências formadoras que vêm construindo a pessoa, discente e docente que hoje sou. As experiências produzidas foram de grande relevância para minha constituição enquanto sujeito ativo, formador de opiniões e capaz de tomar decisões. Este momento de formação inicial vem me estimulando a acreditar que a transformação na educação, deve começar pela transformação de pessoas, pois como diz Freire (2008) a educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo. Além disso, também venho aprendendo a reconhecer a importância da busca constante pela formação e (auto) formação.

Referências

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Ed. Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IZQUIERDO, Ivan. **A Arte De Esquecer**: cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2004.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, Antonio. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Projalus. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 155-187.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2008.

_____. As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira. **Projeto de Pesquisa**, Campinas: Histedbr, 2005.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente. In: II Colóquio Nacional da AFIRSE, **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.